2008

SOMENTE OS UÍSQUES SÃO FELIZES

Cesar Ribeiro

SINOPSE

Um homem precisa juntar treze bitucas de cigarro para salvar a humanidade do julgamento final. Faltando apenas uma, ele se vê preso em um aposento depois que a chave foi comida por um pássaro de pelúcia com prisão de ventre.

Um aposento qualquer. Fumaça no ambiente.
Público entra.
Uma luz geral amarela está acesa em baixa intensidade.
Um forte foco de luz azul está aceso sobre uma gaiola aberta.
Dentro dela há um pássaro de pelúcia.
Um homem maltrapilho está sentado em um banco retangular. Tem em mãos uma mala preta.
Há esparadrapos em seus dedos. Sempre que caminha, faz isso com dificuldade.
Espalhados em diferentes pontos do palco estão algumas revistas masculinas, bitucas de cigarro, uma pilha de jornais e livros, garrafas de bebidas e um guarda-chuva preto.
Quando o público já está acomodado, a luz geral amarela sobe de intensidade.

(Homem retira da mala uma tangerina e a coloca sobre o banco, do lado direito. Retira da mala outra tangerina e a coloca sobre o banco, do lado direito, à direita da tangerina anterior. Retira uma terceira tangerina. Coloca-a sobre o banco, do lado direito, à direita da segunda. Pega a tangerina da esquerda. Aproxima-a do rosto. Coloca-a de volta. Pega a tangerina do meio. Aproxima-a do rosto. Coloca-a de volta. Pega a tangerina da direita. Aproxima-a do rosto. Coloca-a de volta. Pega a tangerina do meio. Coloca a mala ao seu lado esquerdo. Começa a descascar a fruta, colocando a casca cuidadosamente do lado esquerdo do banco, na frente da mala, cada pedaço se equilibrando sobre outro, fazendo um pequeno amontoado. Termina de descascar a fruta. A música cessa. O foco de luz azul se apaga. Após breve pausa, Homem fala em direção ao horizonte distante)

Foi-se o tempo.
E havia ainda quem desconfiasse.
Uma luz branca surgiu no céu...

(*pára por alguns instantes, à espera de algo*)

Eu disse:
(*fala em tom incisivo, olhando para a cabine técnica do teatro*) uma luz branca surgiu no céu

(*surge um forte foco de luz branca sobre Homem. Ele volta ao tom anterior*)

e bradou:
(*representando a voz*) Ó grande sábio! Tu és o escolhido! Tua voz será minha voz.
(*voltando à própria voz*) Eu perguntei:
(*um tanto assustado*) quem é você?
(*representando a voz*) Eu sou ele.
(*com a própria voz, ainda assustado*) Ele quem?
(*representando a voz*) O senhor.
(*coloca a mão no peito e fala, com a própria voz, sem entender*) Eu?
(*representando a voz, que fala de maneira irritada*) Imbecil. Eu sou o tudo e o nada. O senhor dos senhores. O fim está próximo.
(*com a própria voz, sem entender*) O fim? Mas a peça mal começou.
(*representando a voz*) É preciso juntar 13 bitucas. Somente 13 bitucas salvarão o mundo do julgamento final. Apressa-te.

(*a luz branca se apaga. Homem pega um gomo e coloca-o na boca. Fica um tempo saboreando o gomo e separando na boca as sementes. Cospe nas mãos as sementes e coloca-as na lateral esquerda do banco, à frente das cascas, dispondo uma ao lado da outra. Engole o gomo*)

(*como se fosse um mandamento*) Duas frutas pela manhã.
Um pouco de leite desnatado à tarde.
Três fatias de pão integral antes de dormir.
(*feliz*) Eis um belo banquete!

(*coloca a tangerina descascada no meio das outras. Recolhe as sementes. Caminha até a gaiola. Coloca as sementes lá dentro. Espera alguns instantes. Fala com o pássaro*)

Não está com fome?
(*como se tivesse ouvido uma resposta, fala melancólico*) Sim, eu sei. A prisão de ventre.
(*pequena pausa*) Tomou o remédio?
(*após ouvir uma resposta, fala irritado*) Jogou fora? De novo?
(*após ouvir o pássaro, fala irritado*) Há sete anos venho lhe trazendo os remédios. Caminhando de lá para cá como um idiota sem que você nem ao menos tome a porcaria das pílulas.
(*irritado, caminha de volta ao banco*) Será que não entende?
(*abre a mala e retire dela um frasco de comprimido. Fala irritado, com o frasco em mãos*) É preciso que você tome as pílulas.
(*caminha de volta à gaiola, ainda irritado*) Tome as pílulas e cague essa maldita chave para que a gente possa sair daqui.

(*Homem coloca um comprimido dentro da gaiola. Depois fala orgulhoso*)

Não. Eu nunca tive problema.
Meu intestino é como um automóvel novo.
Nenhum sinal de ferrugem.
Religiosamente como minhas refeições...
e igual a um relógio suíço...
quinze minutos depois sento na privada e deixo a merda escorrer.
Cago como um rei.
Como um santo.
(*pausa*) Está ouvindo?

(*pausa. Finge ouvir o pássaro dizer algo*)

Sim, eu já contei.
(*ouve o pássaro novamente e fala irritado*) Quer que conte de novo?
(*resmungando*) Está bem, está bem.

(*caminha até as bitucas. Ajoelha-se diante delas. Começa a contá-las*)

Uma, duas, três... (*conta mais três bitucas, sem falar o número. Depois, volta a falar*) sete, oito... (*conta outras duas, sem falar o número. Depois, volta a falar*) onze, doze...
(*impotente*) Doze. Sempre doze.
(*para o pássaro, irritado*) Elas não são coelhos. Não vão se multiplicar sozinhas.
(*para si, contrariado*) Que diabos! Onde vou encontrar mais uma bituca?
Se ao menos eu tivesse a chave...
(*para o pássaro, irritado*) Também, quem manda você comer qualquer merda que aparece?
Agora a gente fica aqui, como dois velhacos enquanto o mundo vira farinha!

(*ouvindo o pássaro*)

Eu sei, eu sei.
Não tem nenhum sentido.
Como treze bitucas podem salvar a humanidade do julgamento final?
(*submisso, apontando para os céus*) Mas é a palavra dele.

(*para o pássaro, com certa perversidade*)

E se eu resolvesse abrir seu bucho com um facão?

(*desesperado e arrependido, corre até a gaiola e se ajoelha*)

Desculpe, desculpe!
Eu nunca faria isso, nunca!
(*irritado*) A humanidade que se dane!

(*ouvindo o pássaro, ainda desesperado*)

Sim, eu juro.
Nunca vou fazer isso.
Nem te dar remédios.
Eu só queria...
Sair.
Um pouco.

(*pausa. Fala melancólico, relembrando*)

Tudo começou numa noite como esta.
Os mortos fugiram dos túmulos e foram dormir com os vivos.
Pilotaram os aviões na guerra. Elegeram presidentes. Estupraram as virgens.
Ergueram palácios de sangue sobre o chão dos humilhados.
Esse foi o primeiro dia.
No segundo...
sentaram no banco dos juízes e começaram o processo.
A fila de condenados dava quinze mil Maracanãs.
Todos aguardando a guilhotina...

(*após pequena pausa*)

(*para o pássaro, melancólico*) Quando você fica em silêncio...
ainda escuto um grito ou outro durante as madrugadas.

(*pausa. Homem caminha até a pilha de jornais e revistas. Abre uma das revistas e observa o pôster de uma mulher nua. Fala, com tesão*)

Miss Novembro.
Sempre foi a minha predileta.

(*surge um foco de luz vermelha. Luz amarela se apaga. Homem vira-se de costas para o público e começa a se masturbar, aos poucos atingindo o orgasmo*)

São quinze bailarinas nuas.
E uma anã colombiana preparando o haxixe para depois do gozo final.
Elas mordem o mamilo das outras, socam meu escroto gentilmente, oram uma indizível prece.
(*imita a prece, em meio ao gozo)* Anderwais graton belizarium.
Anderwais graton belizarium.
Anderwais graton...
(*quase gozando*) Um automóvel passa em alta velocidade e xinga os edifícios sonolentos.
A cidade dorme. O sol se cala.
Um sábio viking de quatrocentos e oitenta anos passa gritando:
(*quase gozando, imitando o grito do sábio*) somente são felizes...
Somente são felizes...
(*berra a frase, em meio ao gozo*) Somente os uísques são felizes!

(*volta a luz amarela. Foco vermelho se apaga. Após o gozo vem um pequeno relaxamento. Depois, Homem se vira bruscamente para o pássaro e fala, em tom de preocupação*)

E se as pessoas não existirem mais?
E se todos morreram enquanto você não caga essa maldita chave?

(*lembrando*)

Ele falou que o fim estava perto.
Mas perto quanto?
Um dia... dois meses... quinze anos?

(*ouvindo o pássaro, fala meio abismado*)

Como? Você quer ser minha Eva?
Não lembra da última vez?
Ficou berrando como um poodle atropelado quando eu tentei entrar.

(*pausa. Reclamando*)

Se ao menos você tivesse cadeiras largas...

(*pausa. Olha para cima. Volta-se para o horizonte*)

(*entre irritado e impotente*) Que merda!
Deus é um pugilista cego num ringue vazio.

(*longa pausa*)

(*levantando-se*) É preciso se exercitar.
(*professoral*) Mente sana in...
(*tentando lembrar*) Como é mesmo?
(*rabugento, dando de ombros*) Tanto faz.

(*olha para a esquerda. Caminha em linha reta até o ponto mais distante da lateral esquerda. Pára. Toma fôlego. Olha para a frente. Caminha em linha reta até a frente do palco. Pára. Toma fôlego. Olha para a direita. Caminha em linha reta até o ponto mais distante da lateral direita. Pára. Toma fôlego. Olha para o fundo do palco. Caminha em linha reta até o fundo do palco. Pára. Toma fôlego. Olha para o meio do palco. Caminha até o ponto mais central do palco. Respira cansado. Fala, entre cansado e orgulhoso*)

Muito bem. Muito bem.
Já estamos preparados para a próxima inquisição.

(*breve pausa*)

E se tirássemos os sapatos?

(*senta no chão. Cuidadosamente, retira o sapato da esquerda. Vê que o pé está sem meia. O pé está cheio de esparadrapos. Fala, estranhando*)

Mas que diabos!

(*cuidadosamente, coloca o sapato à sua esquerda. Cuidadosamente, retira o sapato do pé direito. Coloca-o à sua direita. Cuidadosamente, retira a meia do pé direito. Vê que sobre ela está uma segunda meia. Fala alegre*)

Então é aí que você foi parar.

(*coloca a meia dentro do sapato que está à sua direita. Cuidadosamente, retira a segunda meia do pé direito. O pé está cheio de esparadrapos. Coloca a meia dentro do sapato que está à sua direita. Estica as pernas. Olha para seus pés. Mexe a ponta dos dedos. Primeiro os da esquerda, depois os da direita, depois todos ao mesmo tempo. Fala aliviado*)

Enfim livres!

(*continua mexendo a ponta dos dedos. Bruscamente, pára e fala, recordando*)

Já te contei sobre o zoológico?

(*sem ouvir resposta, fala um tanto nostálgico, recriando a cena*)

Quando eu era pequeno
apenas um arrotinho de uns treze anos
me apaixonei pela primeira vez.
Toda tarde eu ia ao zoológico para vê-la.
Ela ficava na jaula 15.
Uma girafa de pernas descomunais.
Caminhava de um lado a outro como uma princesa desfilando na passarela.
Todos ficavam abobados
salivando como hienas diante da carniça.
Mas ela só tinha olhos pra mim.
Numa tarde eu encontrei um bilhete rosa na frente da jaula.
(*imitando a voz da girafa*) "Me encontre hoje à noite. Preciso ter você. Com amor, Girafa."
Esperei meus pais irem dormir.
Quando eles estavam no meio da trepada
abri a janela e pé ante pé consegui escapar.
Corri como um louco pelas avenidas escuras
pulei o muro do zôo e fui encontrar minha musa.
Ela tava me esperando com um babydoll vermelho.
Fumava um cigarro.
Me ofereceu uma taça de vinho do Porto e começamos a nos beijar como dois animais.
A coisa foi esquentando... esquentando cada vez mais.
(*interrompendo o tom de memória da cena*) Veja bem
eu era um moleque que nunca tinha trepado.
(*voltando à recriação da cena*) Ela estava toda úmida esperando por mim.
O líquido caindo em minha cara como uma chuva de verão.
(*começando a ficar frustrado*) Mas eu não consegui.
Não consegui alcançar a vagina dela.
Tinha uma escadinha do lado.
Corri pra pegá-la...
encostei na girafa...
e subi os degraus.
Mas não teve jeito.
Nenhuma posição servia.
Eu era pequeno demais.
Corri para casa chorando e berrando contra tudo e todos.
Cheguei lá e meu pai estava me esperando com a cinta na mão.

(*pausa. Olha o horizonte*)

A vida é uma merda.
A única felicidade que a gente tem é tirar os sapatos de vez em quando.

(*pausa. Olha para seus pés. Fala para si*)

Cada vez piores.
(*lembrando*) Ainda ontem eu caminhava sem dificuldade.
(*consertando*) Ou anteontem.
(*consertando novamente*) Ou no mês passado, que importa?
(*lembrando*) Todas as vezes que minha mulher me mandava para a direita eu ia.
Ou para a esquerda.
Ou para o centro.
(*orgulhoso*) Caminhava como um atleta.
Não demorava nem trinta segundos e estava lá.
Onde ela mandava.
(*lembrando*) Era muito bonita.
Tinha um olhar que parecia uma flecha.
(*confessando a própria ignorância*) Sabe...
eu nunca entendi muito bem para onde caminhar.
(*voltando ao tom orgulhoso*) Mas ela estava sempre lá...
com uma voz doce que me indicava a trilha.
(*lembrando*) Quando o bebê chorava...
eu estava lá com a mamadeira.

(*após ouvir o pássaro indagar sobre o bebê*)

Sim, havia um bebê.
Era muito pequeno e muito bonito.
Um braço que sempre abraçava.
(*imitando a voz da mulher*) Uma criança muito delicada, (*voltando à própria voz*) minha mulher dizia.

(*após ouvir o pássaro*)

Não. Eu não.
Sempre fui forte.
(*lembrando, orgulhoso*) Quando tudo aconteceu...
eu estava num parque.
Cinco chimpanzés vieram ter uma conversa comigo.
Falaram que aquele bebê não era meu.
"Claro que é", eu disse.
Eles não acreditaram.
Gritaram que eu estava mentindo...
Que o bebê era deles.
Eu entendi tudo.
Corri com todas as minhas forças.
Mas eles me alcançaram e pegaram o bebê.
Começaram a me socar...
a bater com uma barra de ferro nas minhas costas...
Um deles meteu o ferro bem na minha cabeça.
Começou a jorrar sangue pelo parque inteiro.
Nem assim eles pararam de bater.
Mas eu fiquei lá...

(*aos poucos, Homem vai se encolhendo até ficar na posição fetal*)

Como um verdadeiro homem...
Um verdadeiro homem...
Um verdadeiro...

(*luz amarela reduz intensidade. Homem fala anestesiado. Durante a fala, vai pegando no sono*)

É preciso escovar os dentes após as refeições.
Três para a direita.
Três para a esquerda.
Nunca se deve esquecer a língua.
Basta uma escovada.
Forte. E pronto.
Hálito saudável com Dukashi.
Recomendada por 99,9% dos dentistas.
E a hiena passou por cima das cobras.
E riu. Riu muito.
Não deveria?
Por que não?
Somente são felizes...
Somente são felizes...
Somente os uísques são felizes.

(*Homem dorme. Ao mesmo tempo em que surge a música Noite Cheia de Estrelas, na voz de Vicente Celestino, a luz amarela diminui de intensidade e aparece o foco azul na gaiola. Ouve-se a música por algum tempo. Depois, Homem desperta e fala irritadamente com o pássaro*)

Cala a boca!
Não vê que estou tentando dormir.

(*a música cessa bruscamente. Homem tenta retornar ao sono, mas não consegue. Fala para si*)

Que diabos!
Perdi o sono.

(*olha para cima*)

Eu disse:
(*fala em tom incisivo, olhando para a cabine técnica do teatro*) Que diabos! Perdi o sono.

(*simultaneamente, a luz azul se apaga e a luz amarela volta à sua intensidade anterior. Homem fala, orgulhoso*)

Muito bem. Muito bem.
Praticamente um novo dia!
Isso dá oportunidade para que eu me espreguice.

(*ele se espreguiça um pouco. Depois se levanta e caminha até uma das garrafas. Pega a garrafa. Cheira. Coloca a garrafa de volta. Vai até outra garrafa. Pega e cheira a garrafa. Coloca-a no chão. Vai até outra garrafa. Pega e cheira a garrafa. Sorri. Caminha com a garrafa até o banco. Senta-se. Fala como um mandamento*)

Deve-se tomar nove litros de água pela manhã.
Está aí o segredo de um organismo perfeito!

(*toma um grande gole de água. Após beber, fala para o pássaro, melancólico*)

E então?
Ainda não conseguiu fazer?

(*ouve uma negativa do pássaro. Olha o horizonte. Longa pausa*)

Eu já te contei como era quando eu era feliz?
(*grandiloqüente*) Ah, a felicidade!
(*um tanto pérfido*) Um moleque cai da janela e um jovem morre esmagado.
Os helicópteros cruzam as cidades.
Ambulâncias em marcha pelo concreto.
"Salvem os velhinhos", grita uma barata se escondendo no esgoto.
"Diga não aos proctologistas", retruca uma formiga insana.
"Votem em mim", clama um senador embalsamado.
A confusão se instala e tudo o que você quer é chegar em casa e colocar o pijama.
Dormir sem sonhar. Sem acordar durante a madrugada para um xixizinho.
O café está te esperando com cara de ressaca.
Sua esposa ronca de um lado para outro.
"Cadê o seu espaço?", você pergunta angustiado.
Então vai até a sala e liga o aparelho.
(*com tesão*) Que saudades das ninfas de auditório!
Elas circulam a bunda para a direita.
Circulam para a esquerda.
Aquela bunda é sua. Ela te espera.
(*como um mantra obsessivo*) "Vamos, caminhe até a bunda. Alimente a bunda. Deseje a bunda. Tenha a bunda em mente! Caminhe até a bunda. Alimente a bunda. Deseje a bunda. Tenha a bunda em mente! Caminhe até a bunda. Alimente a bunda. Deseje a bunda. Tenha a bunda em mente! Caminhe até a bunda. Alimente a bunda. Deseje a bunda. Tenha a bunda em mente!"
(*voltando ao tom da narrativa*) O mantra é coletivo.
Todos se masturbam em seus sofás nas noites de solidão.
Jorra o creme nas emissoras, nas revistas, nos teclados...
(*imitando a voz caquética de um sábio*) O indivíduo... somente é único... pelo caráter único... de sua individualidade, (*voltando à própria voz*) declara um velho profeta do amanhã.
Todas as canções tocam ao mesmo tempo.
Todos os ruídos são ouvidos.
Todas as vozes despertam no meio do caos.
E você finalmente dorme.
Um sono tranqüilo...
sem relâmpagos...
sem mistérios...
sem perguntas ou respostas.
Você apenas dorme.

(*após uma breve pausa, Homem caminha até a frente esquerda do palco. Pára. Faz uma reverência, agradecendo um imaginário aplauso do público. Caminha até a frente direita do palco. Pára. Faz uma reverência, agradecendo um novo imaginário aplauso do público. Fala, magistral*)

Um grande monólogo!
O texto certo. A entonação precisa. A pausa perfeita.
Digno de um grande orador!
(*para o pássaro*) Não acha?
(*olhando para os lados*) Onde estão os meus louros?
(*vê o guarda-chuva*) Ah sim. Aí estão.

(*caminha até o guarda-chuva. Abre o guarda-chuva e fica sob ele. Fala orgulhoso, como se estivesse concedendo uma entrevista*)

Sim, sim.
A Academia me procurou.
Perguntou se eu estava interessado em receber meu nonagésimo Oscar.
Claro que disse que não.
Os mais jovens também merecem uma oportunidade.
Não é verdade?

(*respondendo à pergunta de outro jornalista*)

Foi uma preparação muito difícil.
Sete anos ensaiando para absorver o personagem.
Mas valeu a pena, vocês não acham?

(*fingindo receber uma ovação do público*)

Muito obrigado, muito obrigado.
Agora preciso ir.
Adeus. Adeus.

(*caminha até o banco, ainda com o guarda-chuva aberto. Senta-se. Apanha um novo gomo da tangerina. Coloca-o na boca. Olha o horizonte. Masca o gomo. Longa pausa. A luz amarela apaga e acende um foco de luz verde. Homem fecha o guarda-chuva e coloca-o de lado. Depois fala, melancólico, vendo no horizonte a figura imaginária de sua mãe*)

Mamãezinha...
tudo está bem em casa?
O chão muito limpo, a mesa posta, a porta sempre aberta.
Seu filho não voltará hoje à noite.
Nem amanhã.
Nem depois de amanhã.
Quem sabe um dia ele apareça trazendo flores.
Sabe, houve um acidente...
e nesse acidente...
o seu neto...
ele não está mais conosco.
Também queria dizer que estou viúvo.
Ela tropeçou num vento que escapou da corrente...
Bateu com o pulso bem na ponta de uma faca.

(*Homem tira do bolso uma pequena faca. Ela está com a ponta avermelhada. Fala, olhando o metal*)

Uma lâmina tão fina.
(*para si*) Dizem que os grandes sempre morrem pelo punhal.
Ou pelo vinho.

(*olha para as garrafas. Depois, olha para o horizonte*)

Ela vestia uma roupa de um cinza casto
e cantarolava uma dor azul...
sentada no chuveiro de um banheiro verde.
Uma lembrança rosa dormindo no colo.

(*imitando a voz da mulher*) "Meu filhinho branco"
"Levaram meu filhinho branco"
Uma lâmina vermelha nas mãos.

(*apaga-se a luz verde e entram uma luz estroboscópica e sons de alarme. O ambiente muda para uma emergência hospitalar. Homem apanha uma tangerina e finge ser a esposa. Está desesperado, tentando socorrê-la*)

Doutor, minha esposa!
Uma faca veio em alta velocidade pela janela, cruzou as árvores surdas, destruiu treze copos da sala de jantar e atingiu minha esposa bem nos pulsos!
(*imitando o médico, tentando socorrer a esposa*) As facas são assassinas! Sempre foram assassinas! Reclamam da ausência de felicidade. Felicidade é coisa de pingüim de geladeira! De pingüim de geladeira!
(*voltando à própria voz, em pânico*) Doutor...
(*voltando a representar o médico, ainda acelerado, tentando socorrer a tangerina*) Sim, eu sei. A suicida. É preciso cuidar da suicida. Mas entenda. Não há nada a fazer. A defuntada já defuntou-se. Sintos muitos.

(*a luz estroboscópica se apaga e cessa o som do alarme. Em seguida, entram uma música, o foco azul na gaiola e uma luz vermelha. Homem volta à própria personalidade. Melancólico, apanha a tangerina e caminha com ela em mãos como se estivesse em um cortejo fúnebre. Pára no centro do palco, coloca a tangerina no chão. Ajoelha-se. Após alguns instantes, a música diminui o volume. Homem começa a falar, melancólico)*

(*para a tangerina*) Adeus.
Ninguém vai estragar sua janta agora.
Nenhuma voz pra destilar o ódio sobre você.
Quer um cobertor?
Um cobertor pra aquecer seu sono?
(*retira um pequeno pano branco do bolso e cobre parte da tangerina*) Pronto.
Está melhor?
As orelhas de fora, como sempre.
Para ouvir o mundo.
(*sobre a música*) O mundo e a música.
(*sobre o pássaro*) Ele canta em sua homenagem.
Uma linda música, não acha?
A mesma que ninou Greta Garbo, Toshiro Mifune, Edith Piaf...
(*como se estivesse ouvindo a tangerina*) Não. Ivan Lins não.
Somente os bons...
Bons como você.
(*após pausa*) Agora eu tenho que ir.
Um compromisso inadiável.
Mas eu volto.
Um dia eu volto.
E tudo ficará bem.
Tudo ficará bem.

(*a música sobe de volume. Homem cobre a tangerina por completo. Caminha melancolicamente até o banco. Senta-se. Olha o horizonte. Após um tempo, a música cessa, saem o foco azul e a luz vermelha e volta a geral amarela*)

(*para o pássaro*) Você está cantando cada vez melhor.
(*para si*) Dizem que a prática leva à perfeição. Deve ser isso.

(*para o pássaro*) Já tentou um programa de calouros?
(*ganancioso*) Poderíamos ganhar uma bolada com essa sua voz.
Imagine você em rede nacional!
Um novo sex symbol!
Venerado em todas as rodas de pagode, axé, funk e outras guloseimas.
Eu seria seu empresário.
O sábio que administraria sua carreira rumo às alturas.
(*explicativo*) Claro que dividiríamos tudo meio a meio.
(*espantado, após ouvir o pássaro*) Comunista? Eu?
De forma alguma.
(*com falso moralismo*) São valores.
Valores necessários à construção do mundo.
A poesia, a arte, a pólvora...
Pilares da virtude humana em direção à ordem e ao progresso. Ao progresso e à ordem.
(*para o pássaro*) Ou você acha que o mundo é feito apenas de concreto e placas de contramão?
Nada disso.
(*magnânimo*) É preciso levantar, tomar o café da manhã, escovar os dentes, sentar no sofá...
E meditar sobre a civilização.
Planejar a boa ação do dia.
(*majestoso*) Cada madrugada é uma nova bênção.
Cada sol que se levanta é um novo motivo para saborear a vida.
Para construir essa sagrada harmonia chamada...

(*furioso, sendo interrompido pelo pássaro*)

Que foi?
Por que interrompe meu monólogo?

(*após ouvir o pássaro, fala espantado*)

Como?
Vozes?
Onde?

(*após ouvir o pássaro, corre até uma extremidade do palco e cola o ouvido à parede*)

(*irritado*) Cala a boca!
Não vê que estou tentando ouvir?

(*continuando com o ouvido colado à parede, tentando ouvir o mundo exterior*)

Tem certeza que não foi um rato?
Um rato esmagado no meio da noite?
Ou um cachorro solando um blues?

(*grita, tentando obter alguma resposta*)

Estou aqui.
O salvador está aqui!
Alguém me escuta?
Parem de procurar. Não precisam correr mais.
O libertador está aqui! O mundo está salvo!
O leite, os computadores, as televisões, as lápides...
Viva o futuro!

(*após um tempo, descola o ouvido da parede e fala melancólico, para o pássaro*)

Nenhuma resposta.
Você deve estar ficando esquizofrênico.

(*Homem retorna ao banco*)

(*perverso*) Também...
com tanta merda acumulada.
(*cheirando o ambiente, ainda perverso)* Você não sente o odor?
O odor que escapa das suas penas e toma o ambiente?
A cada dia ele fica mais insuportável.
Um esgoto a céu fechado.

(*após pausa*)

Se ao menos pudéssemos sair daqui...

(*após ouvir o pássaro*)

Não. Não precisa ficar com medo.
Eu nunca te abandonaria.
Claro que precisaríamos levar você a um médico.
Tratar esse seu...
digamos...
problema.
A vizinhança não precisa sentir seu fedor.

(*após ouvir o pássaro*)

A defuntinha?
Não. Ela não.
Sempre muito perfumada.
O banho tomado.
Sete vezes ao dia.

(*relembrando, feliz*)

Ela se deitava na cama e falava...
com voz doce:
(*representando a voz da mulher*) Pode vir.
(*voltando à própria voz*) Cobria todo o corpo.
Cobria todo o rosto.
Deixava apenas um furo no lençol para que o pau penetrasse a vagina.
O cheiro do sabonete tomava todo o quarto.
Ficava estática o tempo inteiro...
deixando que eu fizesse o que queria.
Sem um gemido.
Sem um suspiro para atrapalhar a concentração.
Uma mulher e tanto.
Gostava muito da trepada.
Chegávamos a trepar quase duas vezes por ano.
Por dez minutos ou mais.
E depois dormia ao meu lado.
Abraçada a mim como se eu fosse o último herói sobre a Terra.

(*após ouvir novamente o pássaro*)

Sim, sim.
Minha mãe também.
Uma santa.
Muito delicada.
Muito carinhosa.

(*acende-se uma luz rosa. A geral amarela se apaga. Homem relembra o passado. Assume a caracterização de sua mãe e fala com voz doce*)

(*maternal*) Meu filhinho.
Meu filhinho querido.
Ninguém serve pra você.
Quem prepara o chá durante as madrugadas frias?
Quem penteia os cabelos e deixa a escova limpa...
como se fosse nova?
Quem troca os lençóis?
Somente a mamãezinha.
Somente a mamãezinha.
(*após pequena pausa, ainda maternal*) Está com sono?
Pode. Pode dormir.
Pode dormir no colo da mamãe.
Amanhã será um novo dia.
O sol despertará e os pássaros cantarão.
Haverá uma nuvem de carícias no ar.
Carícias como as da mamãe.
(*após pequena pausa, ainda maternal*) Gosta da mão da mamãe?
As unhas feitas...
o toque suave...
Sem máquinas de lavar, sem cheiro de desinfetante.
Um filhinho tão bonito!
Tão másculo!
(*entre a reclamação, a frustração e a impotência*) Bem diferente do papai...
que se lambuza e depois vira o rosto.
Mamãe nem fica feliz.
Nem sente o músculo contrair.
(*após pequena pausa, doce e ainda maternal*) Mas com o filhinho é diferente.
Muito diferente.
(*falando sobre o pênis do filho*) Tão grande o filhinho...

(*entra uma nova música. Simultaneamente, o foco de luz rosa se apaga, o foco de luz azul acende e a luz geral amarela volta em baixa intensidade. Homem sai da caracterização de mãe e volta à sua personalidade normal. Fica estático, desprotegido, olhando o horizonte. Apanha a tangerina descascada. Come um novo gomo. A música cessa. Apaga-se o foco azul*)

(*para o pássaro*) E então?
Ainda não conseguiu fazer?

(*após ouvir o pássaro*)

Por que não toma o remédio?
Tudo seria mais fácil se você tomasse.
Poderíamos abrir a porta e encontrar a décima terceira bituca.
Salvar o mundo.

(*alegrando-se*) Todos ajoelhariam ao nosso lado...
Fariam reverências dia e noite. Noite e dia.
As mães ofereceriam a virgindade das mais jovens.
Elas entrariam no palácio durante as madrugadas.
Os seios à mostra.
Fariam filas em meu quarto imperial.
E eu abençoaria todas com meu sêmen luminoso!

(*após ouvir o pássaro*)

Não precisa ficar com ciúme.
Eu deixaria algumas pra você.
Umas três por ano.

(*após ouvir novamente o pássaro*)

De mim?
Ciúmes de mim?
Mas nós já tentamos.

(*ouve novamente o pássaro*)

Uma única vez, eu sei.
Você é muito estreito.
Não queria te machucar.
Quem me faria companhia durantes as noites?
Quem cantaria para eu dormir?

(*após breve pausa*)

(*um tanto sedutor*) Você quer sair daí?
Sair daí e sentar ao meu lado?
Talvez tentar uma segunda vez?

(*Homem caminha até a gaiola, em clima romântico. Apanha carinhosamente o pássaro. Faz uma pequena carícia nele. Caminha novamente até o banco. Senta. Segura o pássaro em suas mãos. Faz pequenas carícias na cabeça dele*)

(*acariciando o pássaro*) Tão bonito. Tão másculo.

(*coloca o pássaro no banco. Apanha uma loção de dentro da mala. Abre o frasco. Passa a loção nas mãos. Passa a loção nos próprios cabelos. Em seguida, apanha o pássaro nas mãos e passa delicadamente no corpo dele, ficando excitado. Depois, coloca o pássaro no banco e se levanta. De costas para o público, afasta-se um pouco do banco. Pára. Afrouxa o cinto da calça e abre os botões. Avança em direção ao pássaro. Começa a transar com ele, sempre de costas para o público. Ao mesmo tempo em que começa a transar, acende-se a luz azul na gaiola e uma luz vermelha sobre o banco. Ouve-se uma nova música. Depois de algum tempo, após atingir o gozo, a música cessa, volta a luz amarela e somem as luzes azul e vermelha. Homem senta no banco, ao lado do pássaro. Fecha os botões da calça e arruma o cinto*)

(*após o sexo*) Manjar dos deuses.
Desde que ela morreu...
Você sabe.
Não tive ninguém.
Somente você.

(*após pausa*)

Eu gostaria tanto de ouvir uma música.

(*após ouvir o pássaro*)

Ah, está com soninho.
Quer voltar para a gaiola?
Voltar para a gaiola e tirar uma sonequinha?

(*carinhosamente, leva o pássaro até a gaiola. Coloca-o lá dentro. Espera alguns instantes*)

Dormiu.

(*fecha a porta da gaiola. Em seguida, vai até a frente do palco. Olha o horizonte*)

Sabe...
Agora que estamos íntimos...
há uma coisa que eu queria confessar.

(*breve pausa)*

Fui eu. Eu que matei.
Nenhum chimpanzé, nenhuma janela, nenhum pulso cortado.
Somente um som na cabeça e um grito contido.
Um grito que não fazia barulho.
Que não acordava a vizinhança.
Que não chamava as ambulâncias.
Era noite alta e o bebê estava chorando.
Era minha vez. Minha vez de cuidar da cria.
Mas eu não queria. Não queria.
O trabalho, o sono, os sonhos...
Ela mandou eu ir e eu não fui. Ela gritou e eu não fui. Ela brigou e eu não fui.
Dei um tapa na cara dela.
Um tapa leve. Nada que fizesse dor.
Ela levantou assustada da cama e correu em direção ao bebê.
Foi a primeira vez.
A primeira vez que bati nela.
Mas o barulho não parava.
Ela estava lá com a cria no colo.
O bebê não calava a boca.
Os dois choravam.
O arrotinho chorando alto, acordando a vizinhança.
Ela com voz triste, umas lágrimas escorrendo dos olhos.
Eu só queria que aquilo parasse.
Só queria que aquilo parasse.
Que nenhuma voz interrompesse a madrugada.
Levantei da cama e fui até a cozinha.
Um gole d'água e a faca que me olhava de cima da pia.
Que sorria pra mim.
Você já viu uma faca tentando seduzir um homem?
O brilho do metal cega a vista.
O coração bate forte, parece fugir do corpo.
Peguei a lâmina que me olhava e fui até o quarto.
Aquela respiração não era minha.

Aquele braço não era meu.
Arranquei o arrotinho do colo dela e joguei na parede com toda força.
Minha mulher veio pra cima de mim.
Gritando.
Berrando.
Aquela cara de desespero.
A culpa foi daquela cara de desespero.
Se ao menos ela estivesse serena.
Se ao menos calasse a boca.
Mas os dentes brilhavam.
Escorria um líquido pelas narinas.
Peguei a faca e enfiei.
Uma, duas, três...
Quinze vezes. Quinze vezes.
A lâmina entrou suave nos músculos.
Feliz ao cortar a carne tenra.
O sangue começou a escorrer.
Tão vermelho. Tão bonito.
Os olhos fechando.
Fechando cada vez mais.
E veio então o silêncio.
Nenhum choro.
Nenhum grito.
Nenhum sofrimento na madrugada.
Somente o silêncio.

(*após breve pausa*)

Foi quando me trouxeram pra cá.
Pra essa jaula.

(*acende-se um forte foco de luz branca. Homem assume o papel de um carcereiro*)

Prisioneiro 7835941!
Arrume a cama direito!
Não deixe restos no prato!
Durma em silêncio!
Ninguém quer seus gritos durante a madrugada!
Ninguém liga para seus murmúrios!

(*a luz branca se apaga. Homem volta a si. Pausa*)

Você já reparou que não há estrelas aqui?
Somente uma lua triste.

(*após breve pausa*)

Quando eu tomo o banho de sol
Eles se aproximam e cospem na minha cara.
Batem quando os carcereiros não estão vendo.
Minhas costas estão marcadas.
Meus dedos não são meus.
(*gritando*) Um pai de família tem o direito de matar a família!
Um pai de família tem o direito de matar a família!
(*segredando*) Silêncio!

Vai acordar o pássaro.
(*febril*) Mas é ele o pilar. O sustentáculo.
E se ele não quer mais qual é o problema de jogar no lixo?
Todo mundo nasce.
Todo mundo morre.
É destino do ser humano a morte.
A vida é uma conseqüência.
(*num rompante*) A casa, as contas, as traições, o cansaço, a política, a filosofia, a ganância, a humilhação, o grito, as sirenes, o crime, o choro, a angústia, a fúria, o trabalho...

(*acende-se um foco de luz branca. Homem assume o tom submisso de diálogo com seu patrão*)

(*com a voz do patrão*) Checou a temperatura?
(*com a própria voz*) Sim, senhor.
(*com a voz do patrão*) Quanto?
(*com a própria voz*) Zero grau, senhor.
(*com a voz do patrão*) Zero?
(*com a própria voz*) Sim, senhor.
(*com a voz do patrão*) A cor?
(*com a própria voz*) Branco, senhor.
(*com a voz do patrão*) Só branco?
(com a própria voz) Um pouco de azul no final da tarde, senhor.
(*com a voz do patrão*) Que horas?
(*com a própria voz*) Não sei, senhor.
(*com a voz do patrão*) Que horas?
(*com a própria voz*) Bem no finalzinho, senhor.
(*com a voz do patrão*) Que horas?
(*com a própria voz*) 5 e 45 senhor, senhor.
(*com a voz do patrão*) Que horas?
(*com a própria voz*) 5 horas, 45 minutos e 27 segundos, senhor.

(*o foco de luz branca se apaga*)

Eles tentam explicar.
Falam que foi o sol, a chuva, o suor.
A encenação precisa de motivos.
Ação e reação.
Mas foi só o silêncio.
Somente o silêncio.

(*acende-se o foco de luz rosa. Homem assume o personagem da mãe*)

Meu filhinho...
Tão bonito matar por amor.
Tão bonito matar por ódio.
A lápide se abre e o corpo repousa.
Sem os ruídos do mundo.
Sem a tristeza.
Um sono tão quieto.
Tão puro.
Veja como eles descansam.
Não há nenhuma febre ao redor.
Nenhum corpo deitado na sua cama.
Ocupando seu lugar.
Vê como as estrelas sorriem?

Elas brilham em sua homenagem.
Batem palmas.
O mundo é somente ruído.
Ruído e lamentos.
A solidão nas madrugadas frias.
O álcool para curar a dor.
O trabalho para pagar as contas.
E o que sobra?
O corpo cansado...
Impotente...
Sentado no sofá nas noites de sábado...
Vendo futebol nas tardes de domingo...
Tendo pesadelos na escuridão.
Mas agora mamãe está aqui.
Sempre ao seu lado...
Sempre ao seu lado...

(*acende-se o foco verde. Homem volta a si. Conversa com a figura imaginária de sua mãe*)

Mamãezinha...
Mamãezinha querida...
Restam poucos anos.
Apenas uns poucos anos.
E estarei curado.
As portas se abrirão.
Encontrarei a décima terceira bituca.
E o mundo estará salvo.
Está ouvindo, mamãe?
Pode pôr a água pra ferver.
Em breve haverá um caminho.
Um caminho para casa.
Vê como seu filhinho quase sorri?
A cabeça não está baixa.
Há uma alegria no lábio direito.
O dente não está mais amarelo.
Quer que eu cante uma música?
Uma música para ninar a eternidade?

(*entram a luz azul e a música My Way, na voz de Frank Sinatra. O foco verde continua. Homem continua falando com sua mãe)*

(*ainda frágil e febril*) Não sente orgulho?
Não sente orgulho de seu filhinho, mamãe?
Ele canta cada vez melhor.
Pode contar para o papai. Quem sabe ele volta.
Volta pra casa numa noite escura e deixa uns presentes sob a árvore de Natal.
Um revólver de brinquedo, uma faca Ginsu e um boneco para estripar.
(*fascinado e febril*) Tão vermelho o Natal...
Tão lindo o papai...
Ele volta... Ele volta...
(*voltando ao tom frágil e febril da conversa com sua mãe*) Está ouvindo, mamãezinha?
Ponha um tempero na salada. Aquele que é o meu preferido.
Sentaremos todos à mesa. Faremos as orações.
Não precisa chorar.
O mundo está salvo. A rua está salva. A casa está salva.

Nenhuma ruína ao redor. Nenhuma hiena espreitando nas esquinas. A vizinhança sorridente.
O homem e seus castelos.
De concreto. De areia branca.
De concreto. De areia branca.
Todos os uísques estão felizes.
Todos os uísques estão felizes.
Todos os uísques.

(*a música aumenta de volume. Homem olha o horizonte. Blecaute. A música continua tocando na escuridão em alto volume*)

FIM